

## **Humor Escrachado: As Relações Homossexuais na Televisão**

Douglas Josiel Voks

Resumo: Esse trabalho tem por intenção analisar as representações homoafetivas nos meios televisivos e a sua receptividade pelos telespectadores, pois acompanhamos nas últimas décadas um grande avanço dos meios midiáticos, os quais hoje podem chegar a lugares inóspitos, transmitindo informações em uma rapidez jamais vista. Essas tecnologias influenciam a nossa vida de uma forma muito direta, mudando a nossa forma de nos comunicar, agir e pensar, principalmente no que diz respeito ao relacionamento com outros indivíduos.

Desta maneira, esse trabalho busca entender como essa nova forma de ver o mundo através de um aparelho eletrônico tem nos influenciado, e também que mundo que nos é mostrado, pois o que chega até nós passa pela ótica dos meios midiáticos, ou seja, não é uma visão neutra, mas sim carregada de intencionalidades e juízes de valores. Segundo Theodor Adorno (2002) criador do conceito de indústria cultural, os meios midiáticos têm como uma primeira funcionalidade criar mecanismos de dominação e alienação, de forma simples e sutil, a ponto de uma mensagem subliminar em um filme poder mudar os hábitos e comportamentos de uma pessoa, assim como uma simples novela pode acabar reforçando preconceitos e estereótipos na sociedade brasileira.

Esses meios de comunicação se dizem democráticos, pois abrangem um vasto público de diferentes opiniões, credos, etnias e classe social, porém quando se trata de um público homossexual eles não são democráticos nem inclusivos, pois a vida gay como ela é não é representada, pois muito que se vê é rodeado de preconceitos e com muita falta de informação.

Partindo dos conceitos de Adorno em torno da indústria cultural, podemos ter a certeza da forte influência dos meios midiáticos sobre os indivíduos, e ao mesmo tempo se constituindo em fortes potencializadores de preconceitos. Nesse sentido buscou-se compreender assim como Jesus Martín-Barbero aponta, em “descobrir o sentido que os meios, bem como as suas formas e aquilo de que falam, têm para as pessoas que os recebem, as quais ao mesmo tempo orientam a sua produção”.

Uma das hipóteses levantadas nesse trabalho é de que esses meios midiáticos, mais especificamente a televisão aberta tem em grande medida a culpa por vários estereótipos criados em torno do mundo GLS, pois o humor escrachado, a homossexualidade como algo passageiro ou algo promíscuo se faz presente em quase todos os programas humorísticos ou novelas. Desta forma criam no imaginário social, novos preconceitos e reforça os já existentes.

O que se percebe é que emissoras têm uma grande dificuldade em abordar o universo gay, pois é muito mais fácil partir de uma forma pré-existente fundada na comicidade e aceita pelo grande público, do que abordar temas mais sérios. Com isso acabam reproduzindo preconceitos e perdem a chance de utilizar da sua influência social para acabar com as barreiras entre o conhecimento heterossexual para com o homossexual, podendo apresentar um universo de pessoas que não são iguais, mas que a diferença faz parte.

Palavras chaves: mídia, homoafetividade, homofobia.

## Introdução

Temos acompanhado nas últimas décadas um grande avanço dos meios midiáticos, os quais hoje podem chegar a lugares inóspitos, transmitindo informações em uma rapidez jamais vista. Tudo isso devido aos grandes avanços tecnológicos, os quais tiveram sua explosão com o advento da internet. Essas tecnologias influenciam a nossa vida de uma forma muito direta, pois seus avanços e progressos mudam a nossa forma de nos comunicar, agir e pensar, principalmente no que diz respeito ao relacionamento com outros indivíduos. As informações chegam de maneira tão rápida e em qualquer lugar que não se tem mais a necessidade de sair de casa para “colher” conhecimentos ou informações, nem mesmo para fazer amizades, vide as famosas redes sociais.

Seguindo essa perspectiva podemos nos questionar como essa nova forma de ver o mundo através de um aparelho eletrônico tem nos influenciado, e também que mundo que nos é mostrado, pois o que chega até nós passa pela ótica dos meios midiáticos, ou seja, não é uma visão neutra, mas sim carregada de intencionalidades e juízes de valores. Segundo Theodor Adorno (2002) criador do conceito de indústria cultural, os meios midiáticos têm como uma primeira funcionalidade criar mecanismos de dominação e alienação, de forma simples e sutil, a ponto de uma mensagem subliminar em um filme poder mudar os hábitos e comportamentos de uma pessoa, claro que isso pensado para o mundo do consumo capitalista. Mas por que não pensar que uma simples novela pode acabar reforçando preconceitos e estereótipos na sociedade brasileira. Podemos pensar também assim como Jesus Martín-Barbero, em “descobrir o sentido que os meios, bem como as suas formas e aquilo de que falam, têm para as pessoas que os recebem, as quais ao mesmo tempo orientam a sua produção”.<sup>1</sup>

Desta forma devemos nos questionar sobre as representações homofóbicas transmitidas pela grande mídia de massas e o efeito negativo que isso gera; principalmente quando recebidas por crianças que ainda não desenvolveram um senso crítico e que irão desenvolver de forma preconceituosa, pois a representação do homossexual que a TV lhes passa é sempre na maioria das vezes algo vulgar e estereotipado. Assim podemos pensar em como os meios de comunicação podem e influenciam na construção de preconceitos contra homossexuais, e como o seu público recebe e reage com o que lhe é transmitido.

Prova disto é uma pesquisa divulgada pela UNESCO, sobre violência, AIDS e drogas nas escolas constatou que: 26,1% dos alunos do ensino fundamental e médio do estado de Santa Catarina não gostariam de ter homossexuais como colegas de classe. Essa proporção aumenta se enfocarmos apenas os alunos do sexo masculino: cerca de 35,6% dos meninos não toleram colegas gays ou lésbicas; e 16,3% dos alunos de sexo feminino não tolerariam colegas gays ou lésbicas.

No livro “*Juventude e Sexualidade*”, resultado dessa pesquisa da UNESCO, fica claro que a discriminação contra homossexuais, ao contrário das de outros tipos, é não apenas mais abertamente assumida, pelos meninos, como é valorizada por eles, o que sugere um padrão de afirmação de masculinidade<sup>2</sup>. O livro indica ainda que:

Muitos dizem que não têm preconceito, desde que o homossexual permaneça longe, não se aproxime e, principalmente, que não insinue que eles possam ser um igual ou um parceiro da relação. Os rapazes têm aversão às “cantadas” vindas de homossexuais, sentindo-se ameaçados em sua masculinidade e, muitas vezes, reagindo com violência (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Esse tipo de imagem que se constrói do homossexual está muito ligado aos estereótipos transmitidos pela televisão, no qual todo gay é “afeminado”, cheio dos “trejeitos” e sempre se

insinuando para todo homem que passa a sua frente, desta forma no imaginário social todo gay é generalizado como promiscuo. Esses estereótipos criam ainda outro agravante, uma recusa para tudo que possa ter uma “conotação gay”, é aí que nascem as violências, a agressão contra um homossexual aparece como uma aversão a esse comportamento e para reafirmar a heterossexualidade do agressor, o qual está na maioria das vezes com atitudes violentas e homofóbicas tentando esconder da sociedade sua própria homossexualidade, como por exemplo, o famoso caso do moralista Edgar J. Hoover, que chefiou o FBI durante décadas, combatendo homossexuais e comunistas nos EUA vestia-se de mulher, quando estava sozinho, no silêncio do seu quarto.

Foi através dessas reflexões, que me estimularam a pesquisar mais sobre a influência da mídia na criação e no reforço de alguns estereótipos. Discutindo mais especificamente a questão da homofobia, um tema que tem gerado cada dia mais discussões e que tem cada vez mais destaque nos meios midiáticos, seja pelo combate a esse tipo de discriminação ou pela vulgarização através da comicidade de gays em programas de televisão. Para Maria Celeste Mira:

Quando se trata de meios mais populares, como a televisão aberta, em geral dirigida a pessoas de pouca escolaridade, ou de pouco capital cultural [...] as representações de gênero são bastante tradicionais ou conservadoras. Homossexualidade, na maioria das vezes, é motivo de piada ou de curiosidade. A “bicha” é uma figura quase indispensável num programa humorístico [...] Nas novelas, o homossexual tem aparecido, mas sempre como tema secundário [...] Já no cinema e nas revistas, o espaço é maior. Trata-se de mídias que se consomem de forma mais privada, onde, portanto, o problema da desaprovção social é menor. (MIRA, 2003, pp. 15 -16)

Após refletir sobre violência e preconceitos na mídia, passei a observar e perceber esses episódios diariamente, tendo observado que são raros os programas que não mostram violência ou que não fazem humor com alguns preconceitos, e dessa forma banalizando algo que deveria ser respeitado. Podemos tomar como exemplo o seriado *Macho Man*, transmitido pela rede Globo, o qual tem como protagonista um “ex gay” cabelereiro que de um dia para outro deixa de ser gay, como se ser gay fosse uma opção igual a de trocar de roupa. Deixar de ser homossexual virou algo normal em novelas ou seriados da Rede Globo, isso cria em seu público a mentalidade de que ser gay é apenas um desvio comportamental, mas que a qualquer hora o individuo pode mudar a sua opção sexual. Ninguém escolhe ser gay, o individuo nasce gay.

Partindo dos conceitos do entomologista Alfred Kinsey, características pessoais como a cor dos olhos, fazem parte do conjunto de tantos outros traços já definidos por questões ambientais e hereditárias do indivíduo. Olhos negros ou azuis, ser destro ou sinistro, são variações dentro de um *continuum* de características possíveis, que se tornarão traços personalizados desse sujeito, essas são características próprias de cada indivíduo, não é uma questão de escolha. Desta forma, Kinsey defende a teoria de que “a preferência sexual é determinada biologicamente e ainda no útero – o que faz da homossexualidade uma variação da sexualidade”, da mesma forma que as outras características mencionadas.<sup>3</sup>

Observo diariamente também as mais variadas notícias sobre violência contra homossexuais, com políticos que por função deveriam representar e trabalhar em prol da cidadania e dos direitos de todos os brasileiros, apoiando essas atitudes homofóbicas. Podemos citar o caso do Deputado Federal Jairo Bolsonaro, que em uma de suas diversas declarações homofóbicas declarou que “*não teria orgulho de ter um filho gay*”. Quando perguntado se tivesse um filho gay o que faria, respondeu: “*Isso nem passa por minha cabeça, porque tiveram uma boa educação. Sou um pai presente, então, não corro este risco*”. Declarações como essa mostram o

profundo desconhecimento de um legislador, como se indivíduos se tornassem homossexuais por falta de educação.

Temos também famosas redes sociais não apenas servido de instrumento, mas se mostrando conservadora a ponto de excluir uma foto com um beijo gay. Um exemplo disso foi uma foto entre duas mulheres se beijando retirada do *Facebook* sem mesmo perguntar do que se tratava. No entanto a foto não fazia nenhuma apologia homossexual ou erótica, era apenas uma foto de divulgação de um filme grego. Não foi a primeira vez que o *Facebook* tomou atitudes como essa. Em abril desse ano foi retirada de sua página uma foto de um casal gay, mais uma foto sem nenhuma conotação sexual ou erótica. Isso se revela preconceituoso, pois fotos de casais heterossexuais não são reprimidas, torna-se também contraditório uma rede social que tem por objetivo socializar relações fazer esse tipo de exclusão.

São por situações como essas, de preconceito, que as estatísticas revelam quando apontam que o número de quem provoca a violência é muito maior do que quem respeita as diferenças. Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo mostrar que 64% dos entrevistados acreditam que casais de gays e lésbicas não deveriam andar abraçados ou se beijar em locais públicos e que apenas 24% pensam que os governos deveriam ter a obrigação de combater a descriminalização de homossexuais. Para 70% “isso é um problema que as pessoas têm de resolver entre elas”. Isso nos mostra que vivemos em uma sociedade conservadora e muito ligada a preceitos religiosos, e nem podemos dizer que essa sociedade não se abre para uma nova realidade por que essa não é uma nova realidade, a história nos mostra que o amor e o sexo entre gêneros iguais existia desde os primórdios da Grécia antiga.

Atitudes homofóbicas me fazem refletir, sobre a influência da mídia na ação e na opinião das pessoas, de que forma ela tem o poder de transformar e criar mentalidades conservadoras em seu público, transformando suas atitudes perante a vida de forma a não respeitar e não querer enxergar as mais variadas diversidades. É a partir dessa inquietação que surge o tema desse artigo.

A importância de nos preocuparmos com isto é no mínimo, abriremos os olhos para a não neutralidade dos meios. Sabemos que a socialização das novas gerações se constitui no mecanismo do controle social e reprodução da sociedade. Isto é, a sociedade se afirma e se reafirma por meio de seus processos de transmissão da cultura. O que não podemos ignorar é o papel das mídias na transmissão desses valores culturais, e na sua potencialidade para criar e perpetuar representações, papéis sociais, modelos de comportamento. (LAPA e BELLONI, 2010 p. 26).

Percebe-se então que a mídia tem e exerce uma grande influência sobre o seu público, tendo o poder de acrescentar aspectos positivos para o sociabilização das diferenças, porém na maioria das vezes não exerce o seu poder para isso, ao contrário, acaba destacando e transmitindo aspectos negativos que não só reforçam, mas que também criam estereótipos. Dentre o exposto, proponho analisar e compreender nesse trabalho a seguinte questão:

- Como os meios midiáticos podem influenciar na vulgarização e na perpetuação de preconceitos contra homossexuais, e quais são as recepções e assimilações dessas vulgarizações pelo grande público.

### **Do homossexualismo a homoafetividade: mudam-se termos, porém persistem os preconceitos**

Se analisarmos a homossexualidade no Brasil, perceberemos que nas últimas décadas ocorreram significativas mudanças, as quais podem ser compreendidas por um conjunto de

fatores econômicos, políticos, sociais e culturais. A partir da década de 1970 o Brasil passa por um forte processo de urbanização e industrialização, modificando a estruturação social e criando novos meios de sociabilização nos grandes centros urbanos que, por conseguinte influenciam no aparecimento de novas identidades e estilos principalmente no universo homossexual.

É justamente na década de 1970 que surgem os primeiros movimentos homossexuais no Brasil, os quais tinham por objetivo reunir indivíduos que se reconhecessem com qualquer uma das identidades sexuais, e que estivessem dispostos a lutar e defender o direito da livre opção sexual. Esses movimentos são frutos do que ocorrera no bairro de Greenwich Village em New York no dia 28 de junho de 1969, em que um grupo de homossexuais cansados da intolerância e da discriminação saíram pelas ruas gritando a frase “*Sou Homossexual e me orgulho disso*”, sendo a primeira vez que um grupo de homossexuais resistiu publicamente à discriminação, servindo de exemplo para o mundo todo. No Brasil essas iniciativas estiveram concentradas no Rio de Janeiro e em São Paulo, e junto desses movimentos na década de 1980 surge uma epidemia que acaba por reforçar ainda mais os preconceitos e aumentar a imagem negativa em relação ao homossexual, surge a chamada “peste gay”: a AIDS. Essa doença passa a ser associado diretamente com os homossexuais, por isso o termo homossexualismo, utilizando o sufixo “ismo” para designar a homossexualidade como uma doença. Essa doença até então pouco conhecida e que predominava entre os homossexuais, faz com que esses movimentos de lutas e reivindicatórias acabassem diminuindo, e quase que desaparecendo.

É principalmente nos anos 1990 que o movimento homossexual passa a ter uma maior notoriedade social no Brasil, em um momento em que o debate sobre cidadania e os direitos humanos de gays e lésbicas avança simultaneamente em todo o mundo e a ideia de homossexualidade igual a Aids, que por consequência leva a morte, já estava sendo desconstruída, em consequência da doença atingir outros grupos sociais.<sup>4</sup>

Com os avanços da medicina e um maior conhecimento sobre a doença e as formas de contágio, descobriu-se que esse não era um mal exclusivo de homossexuais, que todos estavam sujeitos a contrair a doença se não tomassem os devidos cuidados, por isso no ano de 1999 o Conselho Federal de Psicologia em uma resolução, alerta aos psicólogos brasileiros, que “a homossexualidade, não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão e sim uma certa inquietação da sociedade em torno das práticas sexuais desviantes daquilo que é estabelecido como “norma” aceita pela sociedade. E a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos”

Hoje não se fala mais homossexualismo, utilizam-se termos como homoafetividade ou homosociabilidade, porém, esse estereótipo associando o vírus do HIV com a homossexualidade ficou muito forte e presente em nossa sociedade, mesmo com todos os avanços da medicina, das pesquisas em relação a essa doença e as advertências de que ela não é uma doença homossexual, ainda se associa o gay com a AIDS, prova disto é que mais uma vez o Ministério da Saúde proibiu a doação de sangue por homossexuais.

Por persistir essa forte intolerância e pela falta de conhecimento e informação, a homofobia tornou-se um dos últimos preconceitos ainda aceitos pela sociedade. Bastam lembrarmos-nos de vários nomes dos movimentos de defesa dos direitos que defendem publicamente o direito das minorias, étnico raciais, das mulheres, pessoas com necessidades educativas especiais, mas que se escondem quando o assunto em pauta é o combate a violência ou luta pelos direitos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Na atualidade poucas pessoas ousariam expressar publicamente atitudes que venham incentivar explicitamente o

preconceito contra a população negra, contra população judaica ou sexismo contra mulheres. Entretanto, falar publicamente, não ter simpatia, ou até mesmo odiar pessoas homossexuais ainda não só é tolerado como constitui de forma bastante comum de afirmação da heterossexualidade masculina.<sup>5</sup>

Nesse sentido da afirmação em quanto homem e heterossexual, devemos destacar as situações de violência, pois a violência serve como uma possibilidade no desempenho do papel social do homem, ela é estimulada como uma forma de sociabilização entre os meninos caracterizando-se como um determinado tipo de subjetividade masculina,<sup>6</sup> desta forma, agredir fisicamente um homossexual serve não apenas para mostra a reprovação de um determinado comportamento, mas também para afirmar a masculinidade do agressor.

Na própria palavra masculinidade está embutido o significado de “viril”, “enérgico”, “forte” e “ativo”, características que não são esperadas em um homossexual, pois a representação de um homossexual está sempre mais para o lado feminino do que o masculino, e esse falso estigma é constantemente reafirmado pelos meios midiáticos, os quais apresentam o gay como afeminado, frágil e indefeso muito parecido com as representações femininas do início do século XX, mas estas já foram superadas a tempo pelas lutas e reivindicações femininas. Nolasco aponta que no ocidente a masculinidade não é adquirida facilmente, ela deve ser conquistada através de muito esforço, existindo entre a masculinidade e a violência uma estreita relação, visto que brigar é sinônimo de masculinidade. O autor aponta ainda que na Inglaterra Jacobina os piores insultos a um homem era dizer-lhe que tinha jeito de mulher ou que era um bom menino<sup>7</sup>. Esse tipo de mentalidade se faz muito presente em nossa atualidade, pois quando se pretende ofender um homem é comum chama-lo de “gay” ou similar.

Se hoje não se fala e nem se aceita mais o termo homossexualismo por o termo “ismo” remeter a uma doença que não é exclusiva dos homossexuais, na prática os preconceitos persistem, não se fala mais que Aids é coisa de gay explicitamente, mas ainda se pensa, não só por que o ministério da saúde proíbe homossexuais a doar sangue, mas principalmente por estar muito forte a ideia de promiscuidade associada a esse grupo. A televisão ajuda e muito a construir esse falso imaginário, em programas humorísticos, novelas e entrevistas em jornais o gênero que prevalece são os mais afeminados e vulgarizados, dificilmente se vê o gay com uma postura séria que possa o identificar a um heterossexual.

### **A mídia que informa e inclui: mas o que informa e quem inclui?**

Os meios de comunicação se dizem democráticos, pois abrangem um vasto público de diferentes opiniões, credos, etnias e classe social, podendo chegar a qualquer lugar do mundo. Esses meios se apresentam também como inclusivos, pois quem nunca se sentiu representados na televisão, ou se identificou com algum personagem? Podemos pegar um exemplo simples como a novela América transmitida pela rede Globo em 2005, a qual projetou para âmbito nacional o popular *funk* carioca, o que era algo regional e restrito passou a ser reconhecido nacionalmente, incluindo desta forma não só as favelas, mas também uma representação cultural, que acabou por se popularizar em todo Brasil. Se nos perguntarmos se a televisão inclui o público homossexual a resposta certamente será negativa, pois a vida gay como ela é não é representada em programas de entretenimento como as novelas, pois muito que se vê é rodeado de preconceitos e com muita falta de informação. Assim surge a seguinte indagação: como e quem essa meio inclui?, porém quando falamos em meios de comunicação, podemos pensar em televisão, internet, jornais,

revistas, etc., ou seja, é algo muito amplo, por isso tratarei de analisar a televisão, mais especificamente as novelas.

[...] a telenovela, ao invés de ser apenas um gênero a mais na programação da mídia televisiva, é um produto complexo e dinâmico da cultura característica da era dos meios de comunicação de massa, reunindo aspectos que foram se modificando e adaptando ao longo da história. A telenovela reflete o seu tempo através de uma linguagem própria e do uso de instrumentos técnicos e conceituais em constante evolução. (PERET, 2005, p. 28)

Quando se diz que os meios de comunicação são instrumentos a favor da indústria cultural, é por que por de traz desses meios não encontramos apenas mecanismos de manipulação, mas também uma grande rede de investimentos e lucros. A televisão, por exemplo, leva a sua programação até o seu público, nesse sentido ela necessita que esse público permaneça em casa consumindo o que lhe é transmitido, pois é do consumo que a televisão sobrevive, cada minuto de exposição na televisão custa muito caro. Desta forma, a televisão tem que sempre estar de acordo com seus telespectadores atendendo as exigências e suas expectativas, mas é ela própria que cria essas exigências e expectativas, por que a indústria cultural oferece o que seu público pede, mas esse pede por que já foi anteriormente induzido a pedir o que lhe pretendia ser oferecido.

Esse tipo de manipulação pode ser facilmente realizado, visto que em uma pesquisa feita pela folha de São Paulo em 1997, mostrou que 57% dos pais acreditavam que era a televisão que educava os seus filhos, além disto, a pesquisa apontava também que a televisão aberta atingia 160 milhões de brasileiros, sendo que 18% eram analfabetos e em torno de 40% eram semianalfabetos, isso é muito preocupante se levarmos em conta que essas crianças de 1997 são os adolescentes de hoje, e que se realmente cresceram educados pela televisão provavelmente estão imbuídos de estereótipos em relação aos homossexuais, pois por muito tempo a televisão apresentava o homossexual apenas como um personagem cômico que levava a diversão pela “ridicularização” a uma massa ignorante. Há de se destacar também que no ano de 1997 ocorreu a primeira parada do orgulho GLBT no Brasil, e foi a partir de então que esse tema tem ganhado mais visibilidade e sendo discutido no meio acadêmico, porém de forma lenta e gradual.

Na maioria das vezes o homossexual é apresentado como um desviante do comportamento “correto” e aceito pela sociedade. Bauman nos mostra que cada sociedade traça fronteiras e mapas estéticos e morais, por conseguinte ela produzirá também os indivíduos que irão transgredir essas fronteiras, seja pela sua cor de pele, cultura étnica, religião, gênero ou orientação sexual.<sup>8</sup> Desta forma pelo padrão cultural e moral muito ligado a preceitos religiosos, o homossexual no Brasil não se enquadra num mapa estético e moral, por isso é visto como o “diferente” sendo não apenas não reconhecido pela sociedade, mas também pelo poder público que ainda não estendeu todos os direitos civis a essa população, como por exemplo, a legalização do casamento homoafetivo.

Nos últimos anos o homossexual tem sido representado também de uma forma mais séria, porém a sua orientação sexual nunca é exposta de forma explícita, com um beijo, um olhar romântico ou uma insinuação. Isso pode ser entendido como uma transformação da televisão para com o seu público que quer ver cada vez menos os estereótipos visuais com gestuais afeminados em homens ou masculinizados em mulheres. Esse tipo de comportamento por parte da televisão e da sociedade em geral pode ser chamado, assim como nos mostra Furlani de “ligeiramente hipócrita”.

[...] é de alguma forma, resquício de uma conduta social baseada na “*lei do silêncio*”, comum na época vitoriana e na sociedade colonialista: era permissível, em tais modelos de sociedade, que existissem comportamentos “*que todos conhecem, mas ninguém comenta*”. (PERET apud FURLANI, p. 63)

Entende-se que o personagem homossexual nas tramas sofre uma exposição ao público que pode aprovar ou não as suas atitudes, e como no caso da televisão que precisa de audiência para vender a um preço maior os seus espaços publicitários, é de fundamental importância que todos os personagens tenham uma boa aceitação perante os telespectadores. Desta forma os personagens homossexuais devem respeitar o público, por isso essa falta de elementos explícitos da sexualidade na televisão serve como uma forma de respeito, todos sabem que um determinado personagem é gay, pois a trama, seu discurso verbal e visual dizem isso, mas qualquer demonstração para, além disto, poderá chocar o público.

Desta forma podemos nos questionar que tipo de inclusão a televisão promove, pois quando não é algo caricaturado é algo extremamente conservador. Se a televisão serve como um espelho para os comportamentos da nossa sociedade, ela deveria tratar todos os personagens de igual forma, por que se um casal gay fosse tratado com naturalidade na televisão, sem nenhum tabu envolvendo esse tipo de romance, certamente a vida em sociedade entre heterossexuais e homossexuais não causariam tantos desconfortos. Para Furlani a educação sexual nas escolas deveriam abordar tais fatos e prepararem os jovens para encararem as diversidades com naturalidade e que a descoberta da sexualidade deveria ser mais naturalizada, sem tabus e comportamentos morais rígidos.<sup>9</sup>

Essa influência que a televisão exerce especialmente sobre crianças e jovens pode ser comprovada por um estudo feito na década de 1960 aponta que em especial as crianças, imitam o que veem na tela ou incorporam padrões comportamentais assistidas na televisão, além disto, a agressão e a intolerância são aprendidas em idade menores, e à medida que vão crescendo a mudança é mais difícil. Desta forma os meios midiáticos tem o poder de moldar as mentalidades das pessoas de acordo com os seus interesses, seja para a alienação e manipulação dos telespectadores, ou na criação de novos comportamentos sociais, como, por exemplo, a não aceitação de homossexuais; tudo isso através de mensagens subliminares, as quais não são percebidas pelo nosso consciente, e desta forma não são rejeitadas. Essas mensagens não são explícitas ou agressivas, mas acabam por generalizar o gosto e o estilo de vida das pessoas, com isso manipulam o direito de escolha dos cidadãos.

O que percebemos é que a mídia tem exercido um papel fundamental para o progresso mundial e a globalização promovendo informações, diversões, aculturações entre outros tantos. Porém, no entanto, ao longo do tempo também vem sendo usada como um veículo incentivador de preconceitos e violências, isso por estar muito mais interessada no que vai lhe trazer audiência do que desconstrução de preconceitos e estereótipos, deixando de lado a oportunidade de assumir um papel fundamental, que é a mediação entre a sociedade e suas próprias questões, incentivando a reflexões sobre suas ações, como no caso da homossexualidade.<sup>10</sup> Mas penso que esse tipo de ação que leva ao individuo refletir e questionar não é algo positivo para os meios de comunicação, pois um ser pensante é um individuo que não se deixa manipular ou não aceita tudo o que lhe é imposto.

A grande mídia tem um papel importante no combate à homofobia porque é a partir da relação com a grande mídia que as pessoas constroem sua visão de mundo. Principalmente, num país como o nosso de muitos analfabetos, de outros tantos analfabetos estruturais e de pessoas que não gostam de ler, que não têm o hábito da leitura. Se a televisão não tratar o homossexual só como palhaço, de quem se ri, como um personagem a ser humilhado em cenas jocosas; se a imprensa tratar de outra maneira,

apresentar a homossexualidade com suas outras expressões, já será um ganho. (JEAN WYLLYS, 2011).

Ainda existe uma forte tendência em acreditar que homossexual é biologicamente e psicologicamente, diferente dos heterossexuais. Evidenciando seus comportamentos aos homossexuais de forma mais biológica e psicológica do que sociais, segundo Guaraci Martin “Os homossexuais continuam sendo as principais vítimas de preconceito e da discriminação em todos os segmentos sociais: dentro de casa, na escola, no local de trabalho, na rua, nas igrejas, polícia, no exército e nos meios de comunicação”.<sup>11</sup>

## Conclusão

No cotidiano brasileiro homens e mulheres homossexuais encontram-se marcados pela privação, opressão e discriminação, o qual segundo Mello se traduz em uma realidade de relativa exclusão social, pois a vivência homoafetiva é uma das formas de manifestação amorosa e sexual que mais coloca em xeque valores estabelecidos como fundantes da condição humana.<sup>12</sup> Esse tipo de relação que não gera uma nova vida foi na idade média vista como um misto de pecado, crime e doença, hoje já não é mais porém a ideia de seres humanos igual aos demais não são assegurados, visto que permanece a ideia de que gays e lésbicas subvertam as leis de Deus e de natureza.<sup>13</sup>

Temos a certeza da forte influencia dos meios midiáticos sobre os indivíduos, levando conhecimento e diminuindo fronteiras, porém ao mesmo tempo eles podem se constituir em fortes potencializadores de preconceitos. Dentre o exposto nesse ensaio, podemos concluir que esses meios midiáticos, mais especificamente a televisão aberta tem em grande medida a culpa por vários estereótipos criados em torno do mundo GLS. Novelas que apresentam gays deixando de ser gay junto do desconhecimento de muitos telespectadores leva a conclusão de que ser homossexual é apenas uma fase passageira, ou então aparecem sempre entre conflitos existenciais com dúvidas sobre sua sexualidade, além de serem sempre personagens coadjuvantes, se desaparecem da trama não farão falta alguma. Há de se ressaltar também os programas humorísticos que transmitem valores negativos e até caricatos quando se refere aos homossexuais, pois em tais programas a referencia do homossexual são drag-queens, travestis e afeminados, esses gêneros fazem parte do mundo gay, mas não são os únicos, pois esse universo é muito heterogêneo e diversificado.

As emissoras têm uma grande dificuldade em abordar o universo gay, pois é muito mais fácil partir de uma forma pré-existente fundada na comicidade e aceita pelo grande público, do que abordar temas mais sérios. Com isso acabam reproduzindo preconceitos e perdem a chance de utilizar da sua influência social para acabar com as barreiras entre o conhecimento heterossexual para com o homossexual, podendo apresentar um universo de pessoas que não são iguais, mas que a diferença faz parte. Quando a televisão tratar de forma mais séria esses temas que causam estranheza e que são considerados por conservadores como um comportamento desviante do correto, as pessoas podem não mudar a sua opinião, mas certamente compreender melhor as relações homoafetivas.

## Referências

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete. “Ressignificando sexualidade, por violências, preconceitos e discriminações”. In. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. “Crítica Cultural e Sociedade”. In. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

DINIS, Nilson Fernandes. “Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência”. *Educar em Revista*. Curitiba, nº 39: Editora UFPR, 2011.

FURTADO, Maria Cristina. *A mídia como mediadora no diálogo diversidade sexual-religião*. Disponível em:  
<http://www.ses.uneb.br/anais/A%20M%C3%8DDIA%20COMO%20MEDIADORA>

[%20NO%20DI%C3%81LOGO%20DIVERSIDADE%20SEXUAL-RELIGI%C3%83.pdf](http://www.ses.uneb.br/anais/A%20M%C3%8DDIA%20COMO%20MEDIADORA%20NO%20DI%C3%81LOGO%20DIVERSIDADE%20SEXUAL-RELIGI%C3%83.pdf)

Acesso em: 16 de maio de 2011.

MACHADO, Débora Cristina; MAGRON, Maria Letícia; SILVA, Silmara. *Mensagem Subliminar: Um Mergulho no Inconsciente Humano*. Salvador: INTERCON; 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, Guaraci Lopes. *Corpos em Manchete*.

Disponível em: [http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/eventos/cictg/conteudo\\_cd/E11\\_Corpos\\_em\\_Manchete.pdf](http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/eventos/cictg/conteudo_cd/E11_Corpos_em_Manchete.pdf)

Acesso em: 16 de maio de 2011.

MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MINAYO, Maria C. de Souza; NJAINE, Kathie. “A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura”. *Revista Ciência e Saúde coletiva*. Rio de Janeiro, vol. 9, nº 1. 2004.

MIRA, Maria Celeste. “O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n.21. 2003.

NOLASCO, Sócrates. *De Trazan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em: [http://www.bdttd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=295](http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=295)

Acesso em: 28 de maio de 2011.

SHINMON, Fabiana M. A. de Oliveira; GUERRA, Siena S. Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. “Homossexualidade, psicanálise freudiana e pós-modernidade”. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 153-160, jul./dez. 2008.

VIEIRA, Vanessa. “A justiça é amiga dos gays”. *Revista Superinteressante*. São Paulo, Edição 291, Maio de 2011, Editora Abril.

WYLLYS, Jean. Mídia reforça preconceito e congresso é omissivo em relação a homofobia. In. *Correio Brasiliense*. Ano XI. Nº 4158, 2011.

## NOTAS

<sup>1</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 133.

<sup>2</sup> ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete. “Ressignificando sexualidade, por violências, preconceitos e discriminações”. In. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

<sup>3</sup> SHINMON, Fabiana M. A. de Oliveira; GUERRA, Siena S. Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. “Homossexualidade, psicanálise freudiana e pós-modernidade”. In. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 153-160, jul./dez. 2008, p. 158.

<sup>4</sup> MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 207.

<sup>5</sup> DINIS, Nilson Fernandes. “Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência”. In. *Educar em Revista*. Curitiba, nº 39: Editora UFPR, 2011. p.41.

<sup>6</sup> NOLASCO, Sócrates. *De Trazan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p. 62.

<sup>7</sup> Idem *Ibidem*. p. 97.

<sup>8</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 27.

<sup>9</sup> PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Rio de Janeiro, 2005. Apud FURLANI, p. 64.

<sup>10</sup> FURTADO, Maria Cristina. *A mídia como mediadora no diálogo diversidade sexual-religião*. Disponível em: <http://www.ses.uneb.br/anais/A%20M%C3%8DDIA%20COMO%20MEDIADORA%20NO%20DI%20C3%81LOGO%20DIVERSIDADE%20SEXUAL-RELIGI%C3%83.pdf>

<sup>11</sup> MARTINS, Guaraci Lopes. *Corpos em Manchete*. apud MOTT, 2003).

Disponível em: [http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/eventos/cictg/conteudo\\_cd/E11\\_Corpos\\_em\\_Manchete.pdf](http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/eventos/cictg/conteudo_cd/E11_Corpos_em_Manchete.pdf)

Acesso em: 16 de maio de 2011.

<sup>12</sup> MELLO, Luiz. *Op. Cit*, p. 129.

<sup>13</sup> Idem. *Ibidem*. p.130).